

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Formação Intercultural de Educadores Indígenas

Ivanir Bizerra de Oliveira

Compartilhando histórias e revitalizando práticas de produção de cerâmica Xakriabá

Belo Horizonte

2024

Ivanir Bizerra de Oliveira

Compartilhando histórias e revitalizando práticas de produção de cerâmica Xakriabá.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para conclusão da
graduação Formação Intercultural de
Educadores Indígenas.

Orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes

Co-orientador: Matheus Machado Vaz

Habilitação: Línguas, Artes e Literatura

Belo Horizonte

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grande criador por me dar força e coragem para conclusão desse curso, nossos ancestrais que lutaram e lideranças que estão sempre em busca de nossos direitos, pois, através desses guerreiros foram conquistados vários espaços. Aos meus familiares e amigos pelo incentivo para seguir em frente diante das dificuldades, todos os estudantes do FIEI e em especial a turma da LAL pela troca de conhecimentos durante minha trajetória de estudos, aos entrevistados por terem compartilhado seus saberes e enriquecerem ainda mais esse trabalho.

Às lideranças que fazem parte do colegiado e estão sempre presentes em nosso curso, aos representantes de turmas e todas as pessoas que fazem parte da organização do FIEI.

À minha orientadora Ana Gomes pela paciência, cuidado e por me direcionar nessa escrita. Ao coorientador Matheus Vaz que também foi muito importante para concluir este trabalho, a todos os professores e bolsistas que passaram por nossa turma e contribuíram para minha formação.

Obrigada a todo meu povo Xakriabá que direta ou indiretamente colaborou com meu trabalho.

Ahiãtã!

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: SOU IVANIR BIZERRA DE OLIVEIRA, FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	10
FIGURA 2. MAPA DAS ALDEIAS DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ. FONTE: PNGATI, 2012.....	13
FIGURA 3 LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU AO LADO DA PARTE DA TIX QUE FOI DEMARCADO EM 1987. FONTE:PNGATI.....	15
FIGURA 4 URNA FUNERÁRIA ENCONTRADA NA ALDEIA SUMARÉ 1 . FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	16
FIGURA 5 CERÂMICA ARQUEOLÓGICA ENCONTRADA NA ALDEIA BARREIRO PRETO. FOTO:MANOEL ANTONIO .	17
FIGURA 6: SUPORTE PARA GUARDA POTE. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.....	19
FIGURA 7: POTE ANTIGO. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	20
FIGURA 8: CUIA E MORINGA EM USO. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ	21
FIGURA 9: OFICINA DE CERÂMICA COM OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ALDEIA SUMARÉ I. FOTO: LUANA XAKRIABÁ.....	23
FIGURA 10: DONA NATALINA FAZENDO PLACA COM O BARRO CRIANÇAS OBSERVANDO. FOTO: ANA GOMES	24
FIGURA 11: MULHERES FAZENDO O ACABAMENTO NAS PEÇAS, CASA DE CULTURA DA ALDEIA SUMARÉ-1.. FOTO: ANA GOMES.	25
FIGURA 12: ARLINDA RASPANDO O TOÁ PARA FAZER A TINTA E SUAS PEÇAS DECORADAS COM A TINTA. FOTO: OSCAR E NEI LEITE XAKRIABÁ	27
FIGURA 13: CONSTRUÇÃO DO FORNO DE CRIVO NO QUINTAL DO SENHOR JOSÉ DE JACINTO. FOTO: MATHEUS VAZ.	29
FIGURA 14: SR. ZÉ MODELANDO SUA PEÇA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	30
FIGURA 15: IVANIR MINISTRANDO OFICINA DE MODELAGEM DE PEÇAS COM FAMÍLIA DO SENHOR ZÉ DE JACINTO. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	30
FIGURA 16: PARTICIPANTES DA OFICINA MODELANDO AS PEÇAS. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	31
FIGURA 17: PRIMEIRA QUEIMA DE PEÇAS NO FORNO DO SR. JOSÉ DE JACINTO. FOTO: MARIA SOUZA.	31
FIGURA 18: ARTES XAKRIABÁ EXPOSTAS NA FEIRA NACIONAL DE ARTESANATOS EXPOMINAS EM BELO HORIZONTE. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.....	33
FIGURA 19: PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA XAKRIABÁ NO PRÉDIO DA REITORIA DA UFMG. FOTO: ANA GOMES.....	34
FIGURA 20: PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA XAKRIABÁ NO PRÉDIO DA REITORIA DA UFMG. FOTO: ANA GOMES	34
FIGURA 21: MINHAS CERÂMICAS NA EXPOSIÇÃO MUNDOS INDÍGENAS EM BELO HORIZONTE. FOTO: ACERVO DO ESPAÇO DO CONHECIMENTO DA UFMG.	35
FIGURA 22: MORINGAS DE NEI LEITE XAKRIABÁ NA EXPOSIÇÃO MUNDOS INDÍGENAS EM BELO HORIZONTE. FOTO: ACERVO DO ESPAÇO DO CONHECIMENTO DA UFMG.	36
FIGURA 23: CERÂMICAS XAKRIABÁ EXPOSTAS NA BIENAL INTERNACIONAL. FOTO: TEREZA ARRUDA.	37
FIGURA 24: PEÇAS DA CERAMISTA DALZIRA EXPOSTA NO MUSEU DO FOLCLORE. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ. ...	37
FIGURA 25: MINHAS MORINGAS COM GRAFISMOS NA BORDA DOS COPOS E AS DE ARLINDA SEM DECORAÇÃO NO COPO, EM EXPOSIÇÃO. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	38
FIGURA 26: MÁSCARAS DA CERAMISTA ZELINA EM EXPOSIÇÃO. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ	38
FIGURA 27: PEÇAS DO CERAMISTA NEI LEITE XAKRIABÁ NA EXPOSIÇÃO. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	39
FOTO 28: PEÇA DA CERAMISTA LAURA EM FORMA DE MORANGA. FOTO: ANA CAROLINA	40
FIGURA 29: MORINGA COM TAMPA DE COPO PEÇA MINHA, MORINGA COM TAMPA CABEÇA DE ONÇA DE NEI LEITE XAKRIABÁ, CAPIVARA FEITA POR D. DALZIRA XAKRIABÁ.	40
FIGURA 30: PEÇAS DE CERÂMICA MONTADAS EM CÍRCULO NO CHÃO DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	44
FIGURA 31: DONA ISABEL PINTANDO OS DESENHOS. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.....	45
FIGURA 32: MARINA FAZENDO A PINTURA DOS GALHOS COM FLORES. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	46
FIGURA 33: VALDINEIA CONTORNANDO OS DESENHOS JÁ RISCADO. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	47

FIGURA 34: TOÁ ANTES DO PREPARO. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	48
FIGURA 35: TOÁ VERDE. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	49
FIGURA 36: PINTURAS COM O PREPARO DO TOÁ VERDE. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	49
FIGURA 37: TOÁ DEPOIS DE TRITURADO E PENEIRADO. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	50
FIGURA 38: IMAGEM DA LOURDES NO MURAL DA SALA. FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	51
FIGURA 39: AS PEÇAS EXPOSTAS NA EXPOSIÇÃO “A ÁGUA É MÃE DA TERRA.” FOTO: IVANIR XAKRIABÁ.	52
FIGURA 40: ABERTURA DA EXPOSIÇÃO. FOTO: TALES BEDESCHI	53
FIGURA 41: DESENHOS FEITOS NA PAREDE DO MUSEU COM TINTA DE TOÁ . FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	54
FIGURA 42: VASOS DE CERÂMICA XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	55
FIGURA 43: CUIAS , PRATOS E TRAVESSAS DE CERÂMICA XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	55
FIGURA 44: MÁSCARAS DE CERÂMICA XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	56
FIGURA 45: MARACA E CACHIMBO DE MADEIRA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	56
FIGURA 46: TECIDOS E COLARES DE OSSO, MADEIRA E MIÇANGAS XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ. ...	57
FIGURA 47: MORINGAS DE CERÂMICA XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	57
FIGURA 48: ESCULTURA DE ANIMAIS DO CERRADO EM CERÂMICA XAKRIABÁ. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ ...	58
FIGURA 49: ESCULTURA DE PEIXE E CUIA DE MADEIRA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	58
FIGURA 50: ESCULTURA DE PÁSSAROS DO CERRADO EM MADEIRA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	59
FIGURA 51: ESCULTURA DE ANIMAIS DO CERRADO EM MADEIRA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	59
FIGURA 52: PENEIRA, BOLSA E BALAIÓ DE FIBRAS. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	60
FIGURA 53: BRINCOS E XUXENAS DE PENA. FOTO: NEI LEITE XAKRIABÁ.	61

SUMÁRIO

<i>AGRADECIMENTOS</i>	3
<i>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</i>	4
<i>SUMÁRIO</i>	6
<i>RESUMO</i>	7
<i>INTRODUÇÃO</i>	8
<i>Capítulo 1 - Um pouco sobre o território</i>	10
Um pouco sobre da minha vida	10
Um pouco sobre o território Xakriabá	12
<i>Capítulo 2. A retomada da produção de cerâmica na terra Indígena Xakriabá</i>	18
A importância da educação escolar diferenciada	21
As práticas com a cerâmica e seus desdobramentos	23
As pesquisas dos Xakriabá sobre a cerâmica	26
<i>Capítulo 3. Exposição no Museu de Artes e Ofícios</i>	42
<i>CONCLUSÃO</i>	62
<i>Referências bibliográficas</i>	63

RESUMO

Levar a arte indígena de nosso povo para outros espaços fora da aldeia tem sido muito relevante, pois tem contribuído para os não indígenas acordarem para a nossa essência, para a nossa visão de mundo que é integrada e coletiva, que dá vida aos nossos ancestrais. Também leva conhecimento sobre nosso povo e nossa luta, e desperta sua atenção para nos conhecer melhor. Em algumas exposições que participamos, não tivemos oportunidade de dar sugestão, porque os curadores não nos pediram opiniões de como a gente gostaria que nossas artes fossem expostas. Já em outras exposições houve essa escuta de como gostaríamos que nossas peças fossem apresentadas ao público, pois, para nós, é importante que além dos objetos esses espaços apresentem o artista, um pouco da história do nosso povo e os elementos que constituem os processos que envolvem a confecção dos objetos. Considero a ambientação uma parte importante da exposição. Esta pesquisa relata um pouco sobre a história do nosso povo, as lutas que nossos guerreiros enfrentaram para conseguir garantir nossos direitos, a organização dentro do território e o anseio do nosso povo em relação à retomada de terras que nos pertenciam no passado e os costumes que enfraqueceram durante o tempo em que nossas terras foram invadidas pelos fazendeiros. Durante o trabalho investigo também como era presente a cerâmica nas casas das pessoas, os lugares que produziam essas peças, como eram adquiridas, os usos e os possíveis fatores que contribuíram para o enfraquecimento dessa prática que era muito comum no cotidiano das pessoas no território Xakriabá e apresento alguns vestígios da nossa cerâmica arqueológica. Na pesquisa citei as ações que aconteceram ao longo do tempo, que ajudaram a revitalizar as práticas que estavam adormecidas, e a escola diferenciada que está sendo muito importante nesse processo de fortalecer e retomar os costumes ancestrais. A pesquisa também destaca os avanços que tivemos com a prática da cerâmica, a circulação das peças dentro do território Xakriabá, a nossa participação em feiras e exposições fora do território.

Palavras-chave: Xakriabá; Cerâmica; Educação Indígena; Arte Indígena

.

INTRODUÇÃO

Sou ceramista e, por causa do meu envolvimento com essa prática, pretendo pesquisar sobre esse tema. Antigamente em várias aldeias do território Xakriabá existia a prática da cerâmica, mas hoje poucas pessoas a praticam. Por meio das histórias das pessoas com o barro pretendo construir mais conhecimentos e pesquisar onde as pessoas coletavam argilas para produzir as vasilhas antigamente.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC descrevo um pouco da peleja do povo Xakriabá para garantir o direito à terra, a educação escolar indígena diferenciada e as ações realizadas para reativar nossas práticas tradicionais. São apresentados, também, os limites do território ancestral Xakriabá e a nossa relação com o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, suas pinturas rupestres e sítios arqueológicos.

Na pesquisa analisei a retomada da produção de cerâmica na Terra Indígena Xakriabá e investigou como era seu uso no passado, como ocorreu seu enfraquecimento e as ações realizadas para reativá-la. Cito também a participação da cerâmica Xakriabá em várias exposições pelo Brasil e fora do nosso país.

Para realizar essa pesquisa, li dissertação, artigos, trabalhos de conclusão de curso de pessoas que escreveram sobre a cerâmica Xakriabá e também livro escrito por antropólogos sobre nosso povo. Conversei com pessoas de diferentes idades que têm conhecimentos sobre o barro. Nas oficinas que foram realizadas durante a pesquisa conversei com os praticantes, que também contribuíram muito para a escrita do meu trabalho. Além de fazer registros com escritas, também houve registros por meio de fotos para ilustrar as práticas estudadas nesse trabalho.

No capítulo 1 - **Um pouco sobre o território**, relato sobre a luta e resistência e os desafios que nosso povo tem enfrentado para revitalizar as práticas e retomar parte do nosso território para ter acesso às margens do Rio São Francisco. Também falo dos objetos de cerâmica que eram produzidas no passado e como acontecia a circulação dessas peças no território Xakriabá. Além disso, cito as cerâmicas arqueológicas que são encontradas no nosso território e no entorno.

No capítulo 2- **A retomada da produção de cerâmica na terra indígena xakriabá**, relato com mais detalhes sobre a cerâmica, os objetos que eram mais produzidos e os possíveis fatores que contribuíram para o enfraquecimento dessa prática. Detalho os avanços que se encontra a prática da cerâmica nos dias atuais, a importância das oficinas e da educação escolar indígena nesse processo de reativação da nossa cerâmica, bem como a circulação das peças nas comunidades e também a participação em feiras, exposições de arte em território nacional e internacional.

No capítulo 3 - **Exposição no Museu de Artes e Ofícios**, dou detalhes de como montamos uma exposição de cerâmica com participação de forma coletiva nas tomadas de decisões.

Essa pesquisa contribuiu para ampliar meus conhecimentos com a prática da cerâmica e também para registrar esses saberes para outras pessoas poderem acessar, sejam as pessoas do território ou as que querem pesquisar sobre a cultura indígena e não indígena. Além disso, poderá ser usado como material pedagógico para estudantes e professores.

Capítulo 1 - Um pouco sobre o território

Um pouco sobre da minha vida



Figura 1: Sou Ivanir Bizerra de Oliveira, Foto: Nei Leite Xakriabá.

Nasci e me criei na aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá, em São João das Missões, Minas Gerais. Sou ceramista e condutora no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Na minha infância não tive acesso aos brinquedos industrializados, mas aos que eram produzidos

por mim ou pelo meu pai; a gente improvisava com os materiais disponíveis na natureza. Durante o período de chuva, eu adorava andar nos córregos para coletar argila para modelar bonecas e utensílios de cozinha para brincar de casinha.

Fui matriculada na escola aos sete anos de idade; nossa casa era distante da escola, mas, mesmo com várias dificuldades enfrentadas, meus pais sempre me incentivaram nos estudos. Em casa cuidava das obrigações do dia a dia e na época de plantar roça trabalhava até próximo do horário de ir para a escola. Na primeira série estudei com professores não indígenas e a segunda série já foi com professores indígenas. Tenho muito orgulho de fazer parte da turma de alunos, da minha aldeia, em que os professores indígenas atuaram pela primeira vez, pois foi um marco histórico para nosso povo, conquistado por nossos guerreiros que fizeram e fazem parte da luta por nossos direitos.

Durante minha trajetória na escola diferenciada, com professores da própria aldeia, passei a valorizar mais nossas práticas tradicionais, pois as aulas eram mais direcionadas para este sentido. Nessa época ainda não haviam sido contratados professores de Cultura, por isso algumas práticas, como a da cerâmica, aprendi com o professor de Arte no ensino médio.

Formei-me em 2007, ano em que aconteceu a primeira formatura de alunos do ensino médio no Território Xakriabá. Após concluir o ensino médio, me casei e, devido ao meu esposo ser professor ceramista e filho de ceramista, fiquei acompanhando e observando o trabalho deles. Depois de um tempo resolvi fazer uma peça e desde então fui aperfeiçoando as técnicas de modelagem com ajuda do meu esposo e da mãe dele; participei de várias oficinas, fui aprendendo a observar as fases da lua e época de coletar o barro, além de todo o processo do feitiço: modelagem, acabamentos e queima. Aprendi também a preparar a tinta natural, extraída do toá¹, para decorar as peças. A partir do meu envolvimento nessas oficinas coletivas e da prática em minha olaria, fui desenvolvendo as técnicas e criando peças mais voltadas para o uso na cozinha. Ultimamente tenho participado de feiras e exposições de arte e artesanato fora da aldeia, e de oficinas de modelagens.

Por causa desse meu envolvimento com a cerâmica escolhi o tema “Compartilhando histórias e revitalizando práticas de produção de cerâmica Xakriabá” para pesquisar e assim construir

¹ Toá é o nome de um tipo de tinta mineral produzida tradicionalmente.

mais conhecimentos em relação à cerâmica. Sou muito feliz por ter tido a oportunidade de estudar na UFMG, fazendo parte do curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI, na habilitação de Línguas, Artes e Literatura, onde houve muitas trocas de conhecimentos e ensinamentos que carregarei comigo durante minha vida.

Muito importante ocuparmos cada vez mais o espaço das universidades pois dessa forma o pesquisador indígena será protagonista da sua própria história.

Um pouco sobre o território Xakriabá

Nosso povo Xakriabá está situado no norte do estado de Minas Gerais, município de São João das Missões.

Nosso histórico é marcado por grandes enfrentamentos de lutas e resistência de nosso povo, pois muitos fazendeiros que habitavam nas redondezas do nosso território ameaçavam tomar nossas terras que eram muito produtivas. Eles expulsaram nosso povo cada vez mais para longe da beira do Rio São Francisco. Para não perder nossas terras, houve muitas lutas e resistências de nosso povo. Os guerreiros que lideravam esses enfrentamentos foram ameaçados pelos fazendeiros e tempos depois um desses líderes sofreu ataque de um grupo de pessoas, no meio da madrugada, organizado por um dos fazendeiros. Isso resultou na morte de três indígenas e esse ocorrido marcou muito para nós Xakriabás. Só depois desse terrível massacre os órgãos responsáveis resolveram a documentação para homologar nossa terra, mais nem todo o território que a nós pertencia fez parte na documentação, deixando boa parte de fora.

Nossos guerreiros tombaram lutando pelo nosso território, mas nosso povo continua firme e forte, com força e coragem na luta em busca por nossos direitos. O sr. Valdemar, liderança da aldeia Prata, sempre fala que a luta é herança que o pai deixa para o filho.

Atualmente somos mais 12 mil Indígenas distribuídos nas 40 aldeias e algumas ainda estão em processo de retomada. Em cada uma dessas aldeias tem uma liderança e um vice, e o papel deles é resolver questões de suas comunidades. Temos um cacique geral, que é a maior autoridade no Território, e mais quatro caciques em alguns lugares do território. Todos são responsáveis por resolver demandas que surgem dentro e fora do território. Caciques e

lideranças são escolhidos pelo povo e trabalham como voluntários para ajudar as comunidades.

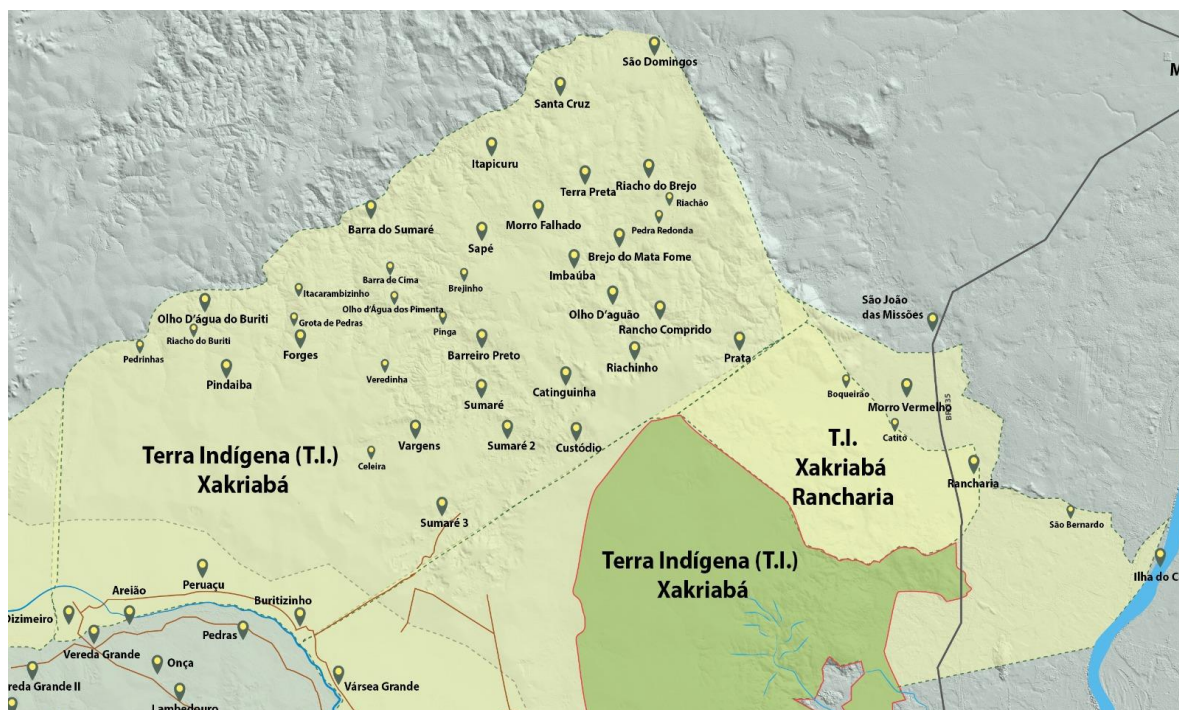


Figura 2. Mapa das aldeias do território Xakriabá. Fonte: PNGATI, 2012

Nosso desejo é retomar parte do território ancestral que ainda está sobre uso de posseiros, e essas retomadas nos trariam de volta as margens do Rio São Francisco onde, no passado, nosso povo nadava, pescava e cultivava alimentos. O acesso ao rio nos ajudaria a amenizar as dificuldades que temos com a água no território; há uma grande escassez de água, os poucos poços artesanais que temos nem sempre dão conta de atender a todas as famílias e, na época da estiagem, a situação fica ainda mais precária. Temos somente uma nascente que é perene e cada ano que passa tem reduzido o volume de água. O clima tem mudado bastante nos últimos tempos; tem ano que chove pouco e ano que chove muito em poucos dias e a maior parte do período que seria de chuva permanece sendo de sol. Devido a isso, os plantios de roça não produzem bem e, às vezes, acontece de perder tudo que foi plantado. São várias situações que nos impedem de sobreviver somente do que cultivamos e somos obrigados a ir comprar os alimentos na cidade.

Nosso povo tem mais de 400 anos de contato com os não-indígenas e no decorrer desse tempo tem enfrentado vários tipos de violências; inclusive fomos proibidos de falar nossa língua

materna, fazer nossas pinturas corporais e danças culturais. “Eles não podiam ser vistos falando a língua, porque os fazendeiros tinham receio de estarem organizando algo contra eles. Dessa forma, precisavam falar o português para eles entenderem. E, assim, os mais velhos foram deixando o akwê de lado.” (Bedeschi; Silva, 2020, p.10).

Houve muita perseguição com nosso povo, por isso, muitas práticas de nossos costumes ancestrais ficaram adormecidos na memória de nossos anciãos e anciãs. Para recuperar os costumes que foram interrompidos não está sendo fácil, porque as pessoas que sabiam das práticas relacionadas à nossa cultura, tinham receio de ensinar pelo motivo que presenciaram essas violências sofridas no passado. Com o apoio de nossos jovens que têm buscado esses conhecimentos, pouco a pouco estamos retomando os costumes antigos da nossa cultura.

Antigamente as peças de cerâmica eram muito presentes no território; era muito comum ver vários tipos de peças nas casas das pessoas. Muitas pessoas faziam várias peças como: telhas, pratos, panelas, cuias, potes, copos e moringas; essas peças eram feitas para o próprio uso, para trocar ou vender para conseguir alimentos. Minha mãe conta que quando alguém da família produzia as telhas ela e suas irmãs aproveitava para modelar xícaras para queimar junto com as telhas, porque naquela época não existia os objetos industrializados de hoje.

Há relatos que na comunidade do Sapé era muito forte essa prática com o barro e várias pessoas eram envolvidas. O professor e ceramista Rogerio Godoy, da UFSJ, fez testes com argilas da aldeia Sapé, no local que no passado as pessoas coletavam o barro e também testou outros barros de alguns lugares do território, e constatou que o barro da aldeia Sapé apresentou os melhores resultados dos que foram testados. Na casa da minha avó ainda existe uma panela e potes confeccionados por uma dessas famílias que percorriam o território, levando as peças para oferecer para os moradores da região.

Quando fui conhecer a olaria no Município de Conego Marinho no Candéal, lugar próximo do Território, tive a oportunidade de conhecer uma senhora que se chamava Emília e era a ceramista mais velha do local. Ela relatou que morava no território Xakriabá e foi com sua mãe morar no Candéal quando era criança. Quando ela chegou no Candéal já existia o costume de produção de peças de cerâmica; ela aprendeu com os familiares e deu continuidade se tornando especialista no feitiço de potes. As mulheres ceramistas se reúnem

no galpão que foi construído para elas trabalharem em conjunto e, nesse local, elas produzem as peças, fazem a queima e deixam expostas as peças que são disponíveis para a venda.

Durante o período em que ficou adormecida a prática da cerâmica no território Xakriabá, as pessoas compravam cerâmica da olaria do Candeal, compravam diretamente das pessoas que produziam ou num pequeno comércio que existia na aldeia Sumaré, que revendia as peças.

Na época da colonização, em 1728, nosso povo recebeu uma “doação” de terra e foi registrado em um cartório de Ouro Preto em 1856. Esse documento cita os limites do território tradicional Xakriabá que eram do rio São Francisco até as cabeceiras do rio Itacarambi e rio Peruaçu e suas margens, onde está localizado o parque Nacional Cavernas do Peruaçu, sendo que boa parte da área do Parque está dentro do nosso território ancestral.

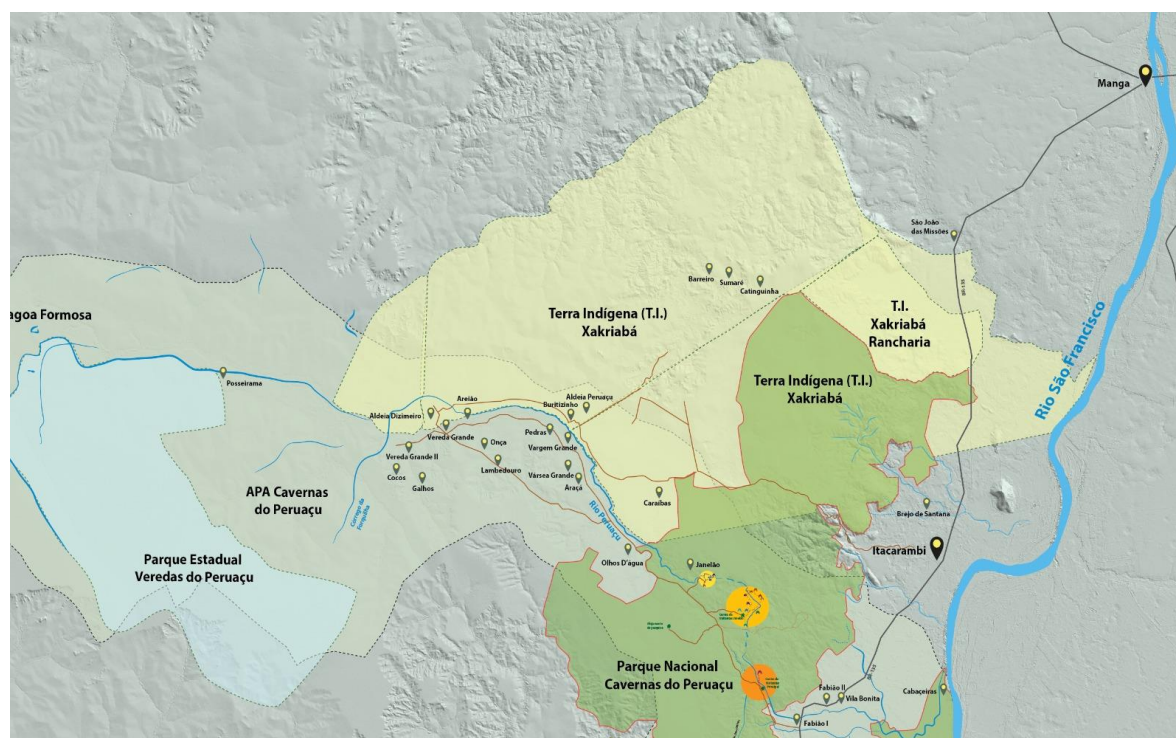


Figura 3 Localização do parque Nacional cavernas do Peruaçu ao lado da parte da TIX que foi demarcado em 1987.
Fonte: PNGATI

O Parque foi criado em 1999 e aberto para visitação em 2016. Apenas 9 das 140 cavernas catalogadas dentro do parque são abertas para visitação. Para visitar o parque é preciso antes fazer o agendamento do local que se deseja visitar e contratar um dos guias credenciados que são de várias localidades do entorno do parque. Atualmente, somente dois condutores do

povo Xakriabá são guias credenciados, o sr. Pedro da aldeia Sumaré e eu da aldeia Barreiro Preto.

O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu é lugar sagrado e abriga muitas histórias deixadas através das pinturas nos paredões de pedras e artefatos encontrados em vários lugares ao longo da beira do leito do rio Peruaçu e nos abrigos das cavernas. A ocupação humana registrada no Parque é de 14 mil anos do tempo presente (B.P.) e os vestígios de cerâmica encontrados são datados de 3 mil anos. É muito comum encontrar cerâmicas enterradas no Parque e em outros lugares que eram ocupados por nosso povo. Há relatos de que foram encontrados fragmentos ou até mesmo peças inteiras de cerâmicas que seriam usadas como urnas funerárias e recipientes para cozinhar ou armazenar alimentos. E esses artefatos arqueológicos têm ajudado muito entender sobre a ocupação humana de nossos ancestrais, os modos de vida e as técnicas usadas nas modelagens das cerâmicas.

No Território Xakriabá tem vários registros de achados de cerâmicas antigas; algumas foram encontradas no solo a céu aberto e outras enterradas, pessoas de várias aldeias encontraram potes ou urnas com ossadas nos quintais de suas casas, e algumas dessas peças estavam decoradas com pinturas. Nem todas as pessoas dão notícias quando encontra algo assim, porque entendem que se estava enterrado não era para ser visto e deixam no local que foi achado. Além da cerâmica, também há relatos de vários tipos de artefatos que eram usados como ferramentas por nossos ancestrais e isso nos desperta a curiosidade de como era no passado.



Figura 4 Urna funerária encontrada na aldeia Sumaré I . Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 5 Cerâmica arqueológica encontrada na aldeia Barreiro Preto. Foto:Manoel Antonio

Depois da invasão em nossas terras, houve muitas mudanças nos modos de vida das pessoas; muitos costumes que eram praticados foram se perdendo ao longo do tempo, pois nosso povo era impedido de levar uma vida tranquila com as atividades do dia a dia. A cerâmica foi um dos costumes antigos que sofreu interferências com o contato com os não indígenas. As atividades que normalmente praticavam foram se perdendo e deixando somente nas memórias das pessoas.

Capítulo 2. A retomada da produção de cerâmica na terra Indígena Xakriabá

Meus avós contam que, no passado, no Território Indígena Xakriabá não existiam objetos industrializados, e as coisas que tinha eram todas confeccionadas por pessoas do Território. Todas as pessoas faziam os próprios objetos de arte e aqueles que não sabiam confeccionar um determinado utensílio adquiriam por meio de trocas, seja por alimentos ou por outros objetos. Em várias aldeias do Território há relatos que havia pessoas que trabalhavam com a modelagem de cerâmica e faziam telhas, potes, pratos, panelas, xícaras, bules e outros.

Eu fazia as peça de barro mais mia mãe e mia vó, nois panhava o barro no Barrero e ai nos ia panha na cabeça quando não era na cabeça era ni jegue, ai nois trazia e botava aquele barro pra cutir e nois ia fazeno aquelas peça fazia pote, prato, panela pra nois cuzinha memo em casa nois vendia pros zotos vizinho que num sabia fazer. Nois queimava tamen com ramo, as vazia ficava pretinha, nois num sabia o que era forno assim pra assar nois quemava era cum a casca de aroera, cum casca de angico e botava uma cama de casca e outra de vazia pro cima depois que isfriava nois ia tirava as vazia. (Entrevista de D. Isabel da Aldeia Custódio)

Essas peças eram feitas para o próprio uso, para troca ou venda. Os objetos de cozinha, na maioria, eram feitos de cerâmica e usados para cozinhar, armazenar alimentos ou servir e guardar água. Por algum tempo essas pessoas foram diminuindo a produção das peças e vários fatores, ao longo do tempo, contribuíram para isso. Entre esses fatores a circulação do dinheiro dentro do Território Xakriabá e a facilidade para ir à cidade devido ao uso de transportes automotores.

Nos comércios das cidades nosso povo passou a comprar alimentos que não conseguiam produzir dentro do Território e, nessas idas à cidade, foram trazendo vasilhas de plásticos, vidros, alumínio e outros tipos de materiais industrializados. Com isso, a cerâmica foi perdendo espaço nas casas das pessoas e assim foi minguando cada vez mais o uso das peças e consequentemente a quantidade de ceramistas também.

A cerâmica entre os Xakriabá já foi muito mais presente na vida das pessoas, os utensílios de uso doméstico eram basicamente de cerâmica, madeira e cuia de cabaça; com o passar do tempo foi

chegando o ferro fundido e mais recente o alumínio e o plástico.
(Pimenta, 2013, p.12)

Tudo isso resultou no enfraquecimento das práticas artesanais de nosso povo que por um período de nossa história ficou guardada na memória dos antigos.

Ainda nos dias de hoje é possível ver nas casas de algumas pessoas potes antigos sendo usados para armazenar água e também peças antigas guardadas como recordação, feitas por alguém da família ou por outros artesãos que já não estão em nosso meio. Esses vestígios da nossa cerâmica e os achados arqueológicos foram muito importantes, pois também ajudaram a nos despertarem para que mais tarde houvesse a retomada da nossa cerâmica.



Figura 6: Suporte para guarda pote. Foto: Ivanir Xakriabá.



Figura 7: Pote antigo. Foto: Ivanir Xakriabá.

Hoje uma de nossas lutas é reativar os costumes tradicionais que estão adormecidos. A cerâmica, por exemplo, está em fase de retomada; várias pessoas estão envolvidas nesse processo, mas é preciso motivar outras pessoas para se envolverem e dar continuidade a essa prática.

Nossa intenção é que essas peças circulem principalmente dentro do Território e que sejam usadas cada vez mais no cotidiano das pessoas, diminuindo assim a circulação de objetos de plástico, de vidro e de alumínio que ultimamente têm sido um problema quando precisam ser descartados, visto que não há coletas de lixo nas aldeias. É também importante que a cerâmica circule fora das aldeias, pois além de dar visibilidade para nossa luta, poderá ser uma fonte de renda para aqueles que desejarem se dedicarem a essa prática. “A nossa arte é também ativista, porque de certa forma leva a informação do nosso povo, denuncia as violências sofridas, carrega a história da nossa luta e do nosso território.” (Xakriabá, N., 2021).



Figura 8: Cuia e moringa em uso. Foto: Ivanir Xakriabá

A importância da educação escolar diferenciada

Depois que o Território Indígena Xakriabá foi homologado, nosso povo continuou na luta para garantir outros direitos; poucos anos depois da chacina houve a conquista da educação escolar indígena diferenciada, e isso foi muito importante para a retomada das nossas práticas tradicionais, porque a partir dessa conquista foram contratados professores do Território, os quais foram preparados para assumir a sala de aula ocupando as vagas que estavam nas mãos dos professores da cidade. A implantação das escolas indígenas foi essencial para recuperar os saberes tradicionais adormecidos e despertar as pessoas para buscar os conhecimentos que estavam guardados na memória de nossos mais velhos. Os professores indígenas pesquisavam os conhecedores das práticas antigas e repassavam para seus alunos, conciliando os conhecimentos científicos tradicionais do povo Xakriabá com os conhecimentos científicos não indígenas.

Em 2007 as escolas passaram a contratar professores para atuar nas disciplinas de Cultura e em 2018 foi criada a disciplina de língua akwë Xakriabá. Essas disciplinas são mais

especificamente voltadas para fortalecer nossas práticas, em ambas são ensinadas palavras da língua akwë Huminixã que ainda está em fase de resgate, pois alguns dos mais velhos guardaram em silêncio poucas palavras em akwë. Antes de existir essas disciplinas que mencionei, algumas práticas tradicionais já aconteciam isoladamente nas outras disciplinas. “A retomada da cerâmica xakriabá ganhou fôlego quando Nei, ao começar a ministrar aulas de Arte na Escola Indígena Xukurank, foi ao encontro dos conhecimentos da cerâmica com sua mãe.” (Bedeschi, 2020, p.149).

Quando eu estudei no ensino médio, na disciplina Arte, o professor levava o barro já preparado para a gente modelar uma peça de cerâmica numa aula de 50 minutos. Era muito corrido e a gente fazia o que dava tempo. Hoje os alunos aprendem as técnicas de modelagem da cerâmica nas três aulas da disciplina Cultura, Artes e Literatura Xakriabá no ensino fundamental; no ensino médio tem uma aula de Arte de apenas 50 minutos. Nessas disciplinas são ofertadas oficinas de cerâmica e de outras práticas de nossos costumes. Uma estratégia criada pelo professor de Arte do ensino médio, para conseguir repassar os conhecimentos das práticas tradicionais, foi de, em vez de dar uma aula por semana, juntar as quatro aulas do mês em um dia. Essas atividades são realizadas fora da sala de aula, no espaço mais apropriado para o feitiço da cerâmica ou de outras práticas artísticas, palestras com nossos mais velhos e visitas em lugares que possam contribuir para a aprendizagem do estudante. E nessas aulas são ensinadas desde como coletar o barro até a queima, ou seja, o aluno aprende todo o processo da produção e as técnicas que são usadas.

O aluno aprende, assim, a coletar e preparar o barro, a saber o que deve ser feito antes de começar a fazer cerâmica. E após a modelagem e o acabamento das peças, os alunos levam os objetos produzidos para que sejam utilizados em suas casas, para darem de presente ou para fazer trocas.” (Xakriabá, N. 2021).

Dona Dalzira e Nei passaram a ensinar todo o processo da cerâmica na escola, assim como nas Casas de Cultura do povo, dando origem a grupos de estudo e trabalho. (Bedeschi, 2020, p.150)



Figura 9: Oficina de cerâmica com os alunos do ensino médio da aldeia Sumaré I. Foto: Luana Xakriabá

As práticas com a cerâmica e seus desdobramentos

No Território Xakriabá existem várias associações que foram criadas ao longo do tempo e essas associações buscam projetos para fomentar a cultura e fortalecer nossas lutas pelas retomadas dos costumes tradicionais. Os projetos que foram executados por uma das associações foram a construção da casa de cultura na aldeia Sumaré 1 e as minicasas de cultura para abrigar diversas atividades de interesse do povo. Nesses espaços vários artistas ministraram oficinas através de projetos e com a ajuda de parceiros. Citarei algumas delas a seguir. O professor e ceramista Rogerio Godoy, da universidade Federal de São João Del Rey – UFSJ realizou duas oficinas na casa de cultura, sendo a primeira oficina de construção de forno de arco catenária que é um tipo de forno que economiza lenha em comparação com o forno que era usado por nosso povo para fazer queima de telhas. “Este forno possibilitou queimar as peças com um uso muito menor de lenha comparando com o forno colonial, já utilizados nas aldeias, nas olarias que ainda produziam telhas.” (Xakriabá, N. 2022, p.39).

A segunda oficina foi de modelagem de cerâmica e foram utilizadas várias técnicas. Participaram dessas oficinas crianças e adultos de algumas aldeias. Alguns anos depois houve

oficina com a ceramista Zandra Miranda da (UFSJ) nesse mesmo local e foram ensinadas técnicas de modelagens para melhorar a espessura das peças.

A primeira etapa do meu trabalho se destinou a um mapeamento fotográfico da produção artesanal local e do repertório de imagens e grafismos que caracterizam a etnia Xakriabá. Esta documentação se destinou a situar esta produção em termos de técnicas utilizadas e estilo, e também à identificação das necessidades e vontades destes artesãos, para que pudessem ser atendidas, na medida do possível, na oficina de modelagem que seria oferecida em um segundo momento. (Miranda, Figueiredo; Xakriabá, N.; Xakriabá, D. 2010, p. 2599)



Figura 10: Dona Natalina fazendo placa com o barro crianças observando. Foto: Ana Gomes



Figura 11: Mulheres fazendo o acabamento nas peças, casa de cultura da aldeia Sumaré-1.. Foto: Ana Gomes.

O ceramista Olívio, da cidade de Montes Claros, também executou oficinas de modelagem de vários tipos de peças na casa de cultura. Na mini casa de cultura da sub-aldeia Veredinha da aldeia Barreiro Preto, algumas pessoas participaram da oficina com o ceramista Ulisses Mendes, do Vale do Jequitinhonha, quando ele ensinou as técnicas usadas para modelar figuras humanas e outras. Na casa de cultura aconteceu o intercâmbio com as ceramistas do Candéal e ceramistas Xakriabá. O projeto iniciou a primeira fase no Território Xakriabá e outra parte na comunidade do Candéal no local de trabalho delas. Foram vários dias de trocas de experiências e aprendizagem de novas técnicas durante a oficina com as artesãs e artistas.

As pessoas que participaram de todas essas oficinas, que citei acima, passaram a ensinar outras pessoas do território nos espaços da casa de cultura, nas mini casas de cultura, em casa de famílias e nas escolas de algumas aldeias.

No início da “retomada” da cerâmica, as oficinas aconteciam por meio dos projetos de construção da casa de cultura e das mini casas de cultura Xakriabá. Hoje elas ocorrem como ação da educação diferenciada e também por iniciativa espontânea dos artesãos que, de tempos em tempos, realizam essas oficinas também apenas com o objetivo de estarem juntos, trocando experiências, revendo parentes,

divertindo-se e conversando sobre assuntos variados. (Silva; Souza; Silva; Velden, 2022, p.9)

As pesquisas dos Xakriabá sobre a cerâmica

Todas essas oficinas de produção da cerâmica foram importantes para complementar os conhecimentos que os artesãos Xakriabá já tinham sobre essa prática e despertarem outras pessoas para o ofício da cerâmica. Além dessas oficinas citadas, destaco também a presença de nosso povo nas Universidades de vários estados do Brasil que têm acolhido os estudantes Indígenas, têm buscado conhecimentos e valorização da nossa cultura, e dessa forma se tornando pesquisadores do próprio povo.

Em 2005, iniciei a Formação Intercultural para Educação Indígena – FIEI, curso de graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Ao final desta formação, resolvi fazer meu projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a cerâmica Indígena Xakriabá. No processo de pesquisa e coleta de dados, realizei trabalho de campo na minha própria aldeia, entrevistei vários anciões ceramistas, nossos velhos, também chamados de “livros vivos”. Observei e compreendi várias técnicas de modelagem. (Nei Leite Xakriabá, entrevista em 2024).

Como citei antes, aqueles que já dominavam as técnicas da produção da cerâmica ensinavam para outras pessoas, assim outras pessoas tiveram acesso a essa prática. Apesar de ter muitas pessoas que dominam a técnica do feitiço da cerâmica, ainda são poucos os que praticam com frequência. Algumas dessas pessoas não estão produzindo diariamente, mas se envolvem nas oficinas coletivas. “Para ser um ceramista tem que apenas gostar de mexer com o barro, pois a partir do momento que você se entregar, terá mais disposição para fazer suas peças.” (Predi Xakriabá, 2018, p.23)

Essas pesquisas têm trazido resultados que colaboraram para avançar ainda mais para as retomadas de alguns de nossos costumes, inclusive a cerâmica tem ganhado mais força e visibilidade considerando que também é uma ferramenta de luta e resistência do nosso povo:

Nossos artesanatos fazem parte da nossa identidade, através deles destacamos quem somos e de onde viemos, usamos esses adereços também como instrumento de luta, de fortalecimento e cultura. Nossa intenção é valorizar essa prática tão importante, que ainda é desenvolvida por poucos e dar prosseguimento nessa produção através do registro de tudo que é feito e

produzido. (Silva; Mota, 2019, p.19)

Na sub-aldeia Veredinha tem a mini casa de cultura e nesse local as mulheres se reúnem quando é necessário para produzir peças de cerâmica e outros objetos para comercializar ou para si próprio, participam as pessoas que já sabem e as que querem aprender. Esse grupo de mulheres ministrou oficinas de cerâmica na aldeia Sumaré 1, várias pessoas participaram e uma delas foi Arlinda, filha de ceramista que praticavam o ofício da cerâmica no passado. Ela conta que sua mãe lhe ensinou algumas técnicas que eram usadas nas modelagens de peças, mas ela começou a se envolver mesmo foi depois de participar da oficina com as mulheres ceramistas. A partir dessa oficina ela foi em busca de mais conhecimentos, como, por exemplo, aprender a coletar o barro e preparar. No início ela não queimava as peças e depois de um tempo Nei Leite Xakriabá se dispôs a construir um forno pequeno de crivo no quintal da casa dela para queimar as peças. Das mulheres que participaram da oficina, somente ela continuou e é a única ceramista dessa aldeia.



Figura 12: Arlinda raspando o toá para fazer a tinta e suas peças decoradas com a tinta. Foto: Oscar e Nei Leite Xakriabá

Como citei antes, aqueles que já dominam as técnicas da produção da cerâmica ensinam para outras pessoas. Apesar de ter muitas pessoas que dominam as técnicas do feitiço da cerâmica, ainda são poucos os que praticam com frequência. Algumas dessas pessoas não estão produzindo diariamente, mas envolvem nas oficinas coletivas. “Para ser um ceramista tem que apenas gostar de mexer com o barro, pois a partir do momento que você se entregar, terá mais disposição para fazer suas peças.” (Predi Xakriabá, 2018, p.23)

Ao longo do tempo, nossos trabalhos com a cerâmica foram ganhando reconhecimento, e

isso tem estimulado pessoas principalmente do território Xakriabá a aprender as técnicas. Pessoas do território Xakriabá e de fora tem nos procurado para realizar oficinas. Algumas vezes acompanhei Nei e D. Dalzira na realização de oficinas na produção de cerâmica dentro do Território Xakriabá e fora, com o tempo eu ministrei oficinas na minha aldeia e fora da reserva indígena Xakriabá.

Fora do Território ministrei oficinas para pessoas adultas e crianças e são muito interessantes os assuntos que surgem enquanto a oficina acontece. Nesses momentos as pessoas mais adultas fazem perguntas relacionadas sobre a cerâmica, porque têm curiosidade de como é retirado o barro, sobre como preparar a tinta que é usada para fazer as pinturas das peças. Como são poucos dias de oficina não é possível aprender o passo a passo do processo de confecção. Para aprender é preciso muitos dias de atividades, porque são várias etapas como observar as fases da lua, coletar o barro, coletar os toá, triturar, peneira a argila molhar e amassar para modelar as peças e preparar o toá. E quando a instituição organiza os encontros compram o barro pronto, sendo só necessário amassar e modelar a peça. Muitas das vezes não fazemos a queima das peças, devido às dificuldades de ter um espaço adequado para a queima. As crianças aproveitam para saber mais sobre o Território, os meios de sobrevivência, cultura e outras coisas. Esses momentos de conversa são importantes para conhecerem um pouquinho sobre nosso povo.

Em 2023 eu e Nei recebemos o convite do Sr. Zé de Jacinto da aldeia Barra do Sumaré para realizar uma oficina de cerâmica para sua família e vizinhos, envolvendo todo o processo de produção das peças. Sr. Zé é artista faz esculturas de madeira. Ele construiu uma cabana no quintal de sua casa para acolher algumas atividades culturais de sua família e expor trabalhos feitos por eles. Sr. Zé relatou que morava na sub aldeia Brejinho onde viveu com seus pais e nesse lugar pessoas da família produziam telhas; inclusive é possível ver vestígios dessa olaria desativada. Durante nossas conversas ele falou que nesse lugar tinha argila muito boa para produzir cerâmica. Quando tive a oportunidade de conhecer o lugar levei para casa um pouco de barro para testar. O sr. Zé é um grande sábio dos saberes tradicionais, contou muitas histórias e experiências vividas enquanto a oficina acontecia. Iniciamos a oficina com a construção do forno de crivos que foi feito ao lado da cabana tradicional. Além dos adultos, as crianças também colocaram a mão no barro. Nesse mesmo dia algumas pessoas ficaram

ajudando Nei na construção do forno e outras pessoas foram comigo para buscar o barro no lugar indicado pelo sr. Zé, no local que ele morava antes. O atual morador desse terreno nos mostrou vários tipos e cores de barro que ele foi descobrindo no entorno. Coletamos uma quantidade de barro suficiente para realizarmos a oficina. Antes do dia combinado para o feitiço das peças eles prepararam o barro e deixaram curtindo para ficar melhor o manuseio. Foram produzidos vários modelos de peças, como potes e cuias, entre outros. Depois de fazer a modelagem das peças marcamos o dia para fazer os acabamentos. A última etapa para finalizar o processo seria a queima. Sr. Zé resolveu fazer a queima por conta própria, porque ele sabia manusear o forno que era o mesmo modelo do forno que queima telhas. A queima foi satisfatória e isso os impulsionou a continuar essa prática.



Figura 13: Construção do forno de crivo no quintal do senhor José de Jacinto. Foto: Matheus Vaz.



Figura 14: Sr. Zé modelando sua peça. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 15: Ivanir ministrando oficina de modelagem de peças com família do senhor Zé de Jacinto. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 16: Participantes da oficina modelando as peças. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 17: Primeira queima de peças no forno do sr. José de Jacinto. Foto: Maria Souza.

Esses encontros são muito bons porque a gente ensina mais também aprende ouvindo boas prosas sobre o passado e o presente. Entre as prosas com o sr. Zé de Jacinto houve uma que trouxe contribuições para minha prática, que foi quando ele deu notícias de um lugar que tem argila boa, onde, no passado, as pessoas pegavam barro desse lugar. Como eu ainda estava à procura de um barro para produzir peças maiores e foi mais umas das trocas que a oficina proporcionou, pois existe o barro apropriado para cada tipo e tamanho de peça. Várias vezes tentei modelar pote com os barros que normalmente usamos para modelar peças menores e

dependendo do tamanho do objeto dava problema na secagem ou na queima. Depois que comecei usar o barro coletado desse local para modelar as peças maiores dificilmente tem ocorrido os problemas de antes. Quase sempre alguém nos dá notícias de um determinado lugar que no passado as pessoas coletavam barro de boa qualidade, a gente procura esses lugares e busca esses barros para experimentar nas nossas práticas.

No território Xakriabá há uma grande quantidade de artesãos e artistas que fazem vários tipos de artes, utilizando diversos materiais naturais disponíveis no Território.

Em 2020 foi criada a Associação Indígena dos Artesãos Xakriabá para ajudar na organização, fortalecimento e comercialização dos produtos em feiras. Temos o grupo de WhatsApp com mais de 50 artesãos e artistas credenciados com a Carteira Nacional do(a) Artesão(ã) no Programa do Artesão Brasileiro. O grupo tem como objetivo divulgar informações sobre feiras e outros assuntos de interesse aos artesãos e artistas relacionados à associação. Nem todos os artesãos do grupo são associados na associação. Alguns artesãos expõem suas artes nos eventos que de tempos em tempos acontecem nas comunidades, seja para divulgarem ou para comercializarem seus trabalhos.

A nossa Associação tem recebido muitos convites para participar de feiras fora do Território; algumas dessas feiras acontecem anualmente, mas como são vários convites, não conseguimos estar presentes em todas as feiras, pois alguns convites chegam de última hora e precisamos de tempo para produzir nossas artes, que são manuais, e nem sempre temos estoque de produtos.

No momento em que chegam as oportunidades de feiras é difícil achar pessoas disponíveis para ir mesmo tendo muitos artesãos envolvidos na associação, porque para se deslocar do Território para a cidade tem que saber usar os meios tecnológicos e ter disponibilidade para enfrentar dias de cansaço e carregar bagagens dos produtos. Normalmente cada feira dura de três a cinco dias e somente duas ou três pessoas vão para representar o grupo. Na maioria das vezes são as mesmas pessoas que vão para esses espaços. No caso das peças de cerâmica é mais complicado mandar por outra pessoa, pois é preciso embalar bem e transportar com cuidado por serem mais fácil de quebrar, por isso sempre tem um ceramista participando e levando peças dos colegas. São várias dificuldades que temos, inclusive a falta de recursos

para ir para as feiras, pois necessita de hospedagem, alimentação e transporte. Muitas das vezes conseguimos ajuda de parceiros, mas não é sempre que dá certo e a nossa associação não conseguiu manter esses gastos.

Apesar que enfrentamos obstáculos, também tem os pontos positivos, pois em todas as feiras fazemos novas amizades e é sempre uma alegria reencontrar colegas de feiras. É muito importante ter representante do nosso povo com nossas artes nesses lugares, pois nossas artes são cheias de significados e despertam curiosidade nas pessoas que fazem perguntas; dessa forma aos poucos vamos levando conhecimentos sobre nosso povo.

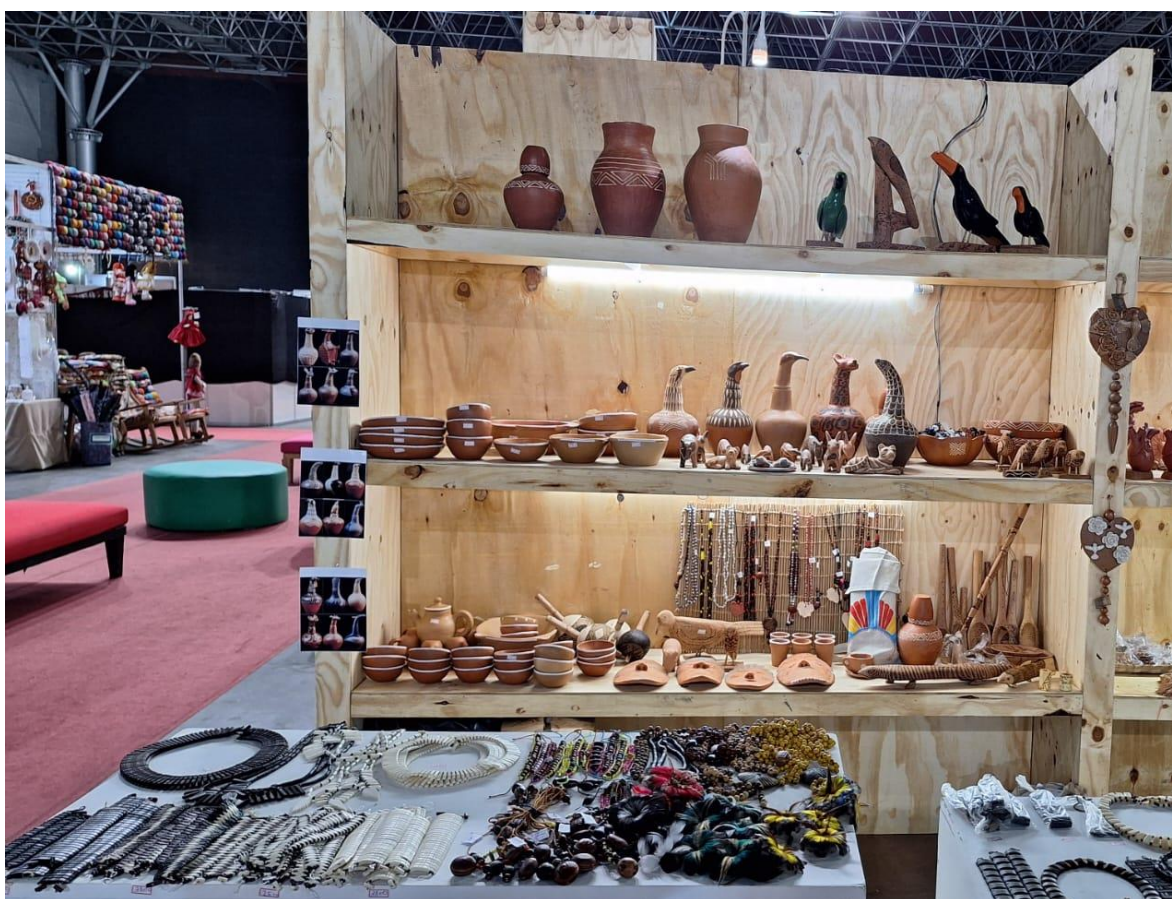


Figura 18: Artes Xakriabá expostas na Feira Nacional de artesanatos Expominas em Belo Horizonte. Foto: Ivanir Xakriabá.

Muitas pessoas de fora das aldeias têm visitado o Território e através do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, e muitas acabam chegando até nosso povo com o interesse de conhecer e também para comprar artes produzidas por nós indígenas.

Nei Leite fez o curso de Licenciatura Indígena na Faculdade de Educação da UFMG. O tema de percurso foi sobre a cerâmica xakriabá e ele decidiu, juntamente com sua orientadora Ana Gomes, fazer o manual de cerâmica Xakriabá, deixando registrados os conhecimentos dos mais velhos que foram entrevistados, para que outras pessoas possam aprender seguindo o passo a passo. A primeira exposição de cerâmica indígena Xakriabá foi realizada no saguão do prédio da reitoria da UFMG em Belo Horizonte em 2011, com peças que foram sendo produzidas durante a pesquisa e apresentadas como um dos resultados finais do curso. Dessa forma, além da visibilidade que a cerâmica passou a ter fora do território também as peças voltaram a circular dentro das aldeias, devido às oficinas e ao repasse das técnicas do feito da cerâmica nas escolas com o auxílio do manual que foi distribuído para todas as escolas do Território. Nos dias atuais tem aumentado a quantidade de pessoas aprendendo todo o processo de produção e também encomendas de peças, convites para oficinas e para exposições de cerâmica em alguns lugares do nosso país e fora dele.

Realizei a pesquisa sob a orientação da Professora Ana Gomes (UFMG), que apoiou minha proposta de que, em vez de produzir um texto acadêmico, fosse apresentado como objeto final da conclusão do curso a produção de um livro de minha autoria: *Manual de Cerâmica Xakriabá*, produzido com imagens explicativas para o uso dos não alfabetizados, e que também fossem realizadas, em Belo Horizonte - MG, algumas exposições do sipize com a Cerâmica Indígena Xakriabá. (Xakriabá, N. 2022, p.43)



Figura 19: Primeira exposição de cerâmica xakriabá no prédio da reitoria da UFMG. Foto: Ana Gomes



Figura 20: Primeira exposição de cerâmica xakriabá no prédio da reitoria da UFMG. Foto: Ana Gomes

Em 2019 foi realizada a exposição *Mundos Indígenas* no Espaço do Conhecimento da UFMG em Belo Horizonte, com a participação de cinco povos, Ye'kwana, Tikmu'un (Maxakali), Xakriabá, Yanomami e Patxoop e a curadoria do próprio povo indígena.

Fui convidada junto com Nei Leite Xakriabá para expor nossas peças de cerâmica. A *Mundos Indígenas* foi a primeira exposição em que meus trabalhos foram expostos. Enviei vasilhas em formatos oval e cuias grandes que foram usadas para colocar ervas medicinais do cerrado. As peças foram expostas de modo em que o público pudessem tocar e sentir o cheiro das ervas.



Figura 21: Minhas cerâmicas na exposição Mundos indígenas em Belo Horizonte. Foto: Acervo do Espaço do Conhecimento da UFMG.

Em 2021 Nei Leite Xakriabá e dona Dalzira foram convidados para participar de uma exposição no Museu de Artes Moderna em São Paulo, onde reuniu trabalhos de 34 artistas indígenas, com o tema “Moquéim- Surari: arte indígena contemporânea,” com a curadoria do artista indígena contemporâneo Jaider Esbell.

Nei Leite Xakriabá e sua mãe dona Dalzira participaram de uma exposição *online* na Turquia. As imagens das peças que foram produzidas para a exposição foram feitas pelo artista fotógrafo Edgar Kanaikõ.



Figura 22: Moringas de Nei Leite Xakriabá na exposição mundos indígenas em Belo Horizonte. Foto: Acervo do Espaço do Conhecimento da UFMG.

Em novembro de 2023 participei juntamente com Nei Leite Xakriabá e D. Dalzira de uma exposição no Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte, expondo peças de cerâmica. Também teve participação das mestras D. Isabel, Valdineia e Marina para fazer pinturas nas paredes com o pigmento do toá. O tema da exposição foi “A água é mãe da terra”, com a curadoria de Juliana Gontijo. Vou citar mais detalhes no próximo capítulo.

Entre 15 de dezembro de 2023 e 15 de junho de 2024 Nei Leite Xakriabá participou da 2ª Bienal Internacional de Cerâmica de Jingdezhen, na China. Com o tema “Do Ancestral ao Contemporâneo” essa exposição contou com diferentes grupos de obras de proveniências indígena, cultura popular de diferentes artesãos e artistas contemporâneos que utilizam a cerâmica e a terra como base de suas obras.



Figura 23: Cerâmicas Xakriabá expostas na Bienal Internacional. Foto: Tereza Arruda.



Figura 24: Peças da ceramista Dalzira exposta no Museu do Folclore. Foto: Ivanir Xakriabá.

No período de 23 de maio de 2024 a 18 de agosto de 2024 aconteceu a exposição “Tkai wamsre wanõr tê dasiwawe: barro, nosso parente ancestral”, com participação das seis

ceramistas: Dalzira, Laura, Arlinda, Zelina Nei Leite Xakriabá e eu no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular na sala do Artista Popular no Rio de Janeiro. Foram apresentadas peças decorativas e utilitárias, e mostrou desde a retirada do barro até a queima das peças, um ciclo de que envolve respeito a natureza, cantos e rezas.



Figura 25: Minhas moringas com grafismos na borda dos copos e as de Arlinda sem decoração no copo, em exposição. Foto: Ivanir Xakriabá.



Figura 26: Máscaras da Ceramista Zelina em exposição. Foto: Ivanir Xakriabá



Figura 27: Peças do ceramista Nei Leite Xakriabá na exposição. Foto: Ivanir Xakriabá.



Foto 28: Peça da ceramista Laura em forma de moranga. Foto: Ana Carolina

No dia 21 de junho de 2024 teve a inauguração da exposição Luís Beethoven no Parque do Peruaçu, no espaço estão expostas três peças de cerâmica Xakriabá sendo uma minha, outra de Nei Leite Xakriabá e outra de Dalzira Xakriabá.



Figura 29: Moringa com tampa de copo peça minha, moringa com tampa cabeça de onça de Nei Leite xakriabá, capivara feita por d. Dalzira Xakriabá.

Citei várias exposições de cerâmica Xakriabá que aconteceram ao longo do tempo. Em algumas exposições das quais participamos não tivemos oportunidade de dar sugestão, porque os curadores não pediram opinião de como a gente gostaria que nossas peças fossem expostas. Já em outras exposições houve essa escuta de como gostaríamos que nossas peças fossem apresentadas ao público, pois para nós é importante que, além dos objetos, esses espaços apresentem o artista, um pouco da história do nosso povo e os elementos que constituem os processos que envolvem a confecção dos objetos, pois considero a ambientação uma parte importante da exposição.

Levar a arte de nosso povo para esses espaços tem sido muito relevante, pois tem contribuído para levar conhecimento sobre nosso povo e nossa luta, muitos desconhecem sobre nós e através de nossas artes despertam a atenção das pessoas para conhecer.

Capítulo 3. Exposição no Museu de Artes e Ofícios

A exposição “A água é mãe da terra” iniciou com o convite da Esther Mourão para a artista visual Juliana Gontijo e mais três pessoas da cidade de Belo Horizonte para participarem de um projeto de exposição no Museu de Artes e Ofícios. Para essa exposição tanto Juliana Gontijo e as outras duas pessoas poderiam convidar outros artistas para participarem. Ela decidiu então que faria a exposição de outro artista com sua curadoria. Depois de olhar o seu caderno de anotações para ajudar a relembrar os assuntos que mais interessavam, ela lembrou dos trabalhos dos artistas que tinha conhecido e resolveu convidá-los. Como ela já sabia que seriam duas salas para trabalhar, pensou em convidar dois artistas, Nei Leite Xakriabá e Kenny de Oliveira Mendes.

Depois que os artistas aceitaram o convite, iniciaram as conversas *online* sobre as histórias dos trabalhos de cada um e como cada artista desejava que fosse construída a exposição.

“Nessas conversas eu pude entender melhor os significados dos trabalhos e como eles se relacionavam com a pesquisa do artista e sua trajetória, sobre as relações que o artista estabelece com seu território e com a sociedade” (conversa com Juliana Gontijo, 2024).

Durante as conversas com Juliana Gontijo, foi proposto para ela convidar a professora Ana Gomes que foi orientadora de percurso acadêmico do Nei Xakriabá para ajudar na construção dessa exposição.

Nei disse que seria interessante a participação de outros ceramistas Xakriabá. “A princípio era uma exposição individual; eu sugeri para ela que fosse uma exposição coletiva que envolvesse mais pessoas.” (conversa com Leite Xakriabá, 2024). A partir desses diálogos eu e dona Dalzira fomos convidadas para fazer parte dessa exposição com nossas peças.

Nos encontros *online* as ideias foram sendo apresentadas e discutidas em conjunto, e aos poucos fomos ajustando até chegar no resultado final. Juliana tinha dito que gostaria que fizesse pinturas nas paredes, Ana Gomes apoiou e falou do trabalho das mestras da Aldeia Caatiguinha e sugeriu convidá-las para participar. Essas mestras têm experiência em construções tradicionais e pinturas com toá nas paredes das casas. Poucos meses antes da exposição, Lourdes Xakriabá ancestralizou. Ela era uma pessoa muito querida e tinha

conhecimentos de várias práticas, participou de projetos pela UFMG na construção de uma casa tradicional no Pátio da Faculdade de Educação, que envolveu alunos da arquitetura e era companheira de trabalho das mestras dona Isabel, dona Libertina e mais outras mulheres da aldeia Caatinguinha e Custódio. Dona Isabel, Valdineia e Marina, filha da Lourdes, aceitaram o convite para fazer as pinturas no mural do espaço e homenagear a saudosa Lourdes. Elas ficaram muito felizes com o convite porque elas já queriam fazer algo nesse sentido e aproveitaram a oportunidade.

Como foram acontecendo vários desdobramentos ao longo do tempo e os recursos para essa exposição ser limitados, não havia recursos para a viagem das mestras Xakriabá e foi preciso pensar numa forma de arrecadar recursos para custear os gastos. Parceiros e amigos ajudaram no deslocamento das peças do Território e também as despesas da viagem das três mestras até Belo Horizonte, hospedagem, alimentação e deslocamento da hospedagem até o museu durante os dias em que estavam ocorrendo as atividades de preparação do espaço. Sem o apoio dessas pessoas não seria possível acontecer tudo isso.

A exposição foi organizada de forma coletiva durante as conversas *online* e até mesmo nos dias que estava acontecendo a montagem, quando as pessoas envolvidas sugeriram várias ideias que foram acolhidas pela curadoria e isso colaborou para a exposição ficar mais interessante.

Juliana apresentou uma sugestão por meio de desenhos para a montagem das peças reunidas em círculo. Para ter uma noção da quantidade de peças que cada artista teria que modelar, foram feitos cálculos do círculo de seis metros de diâmetro, para saber a quantidade de peças que seria preciso para preencher o espaço e definir quais as peças que cada artista teria que produzir para essa exposição. Durante o tempo de preparação, fomos produzindo as peças e tendo muitos diálogos com todos os envolvidos para alinhar os pontos que faltavam para resolver. Dona Dalzira fez a modelagem de vários bichinhos do cerrado, Nei fez moringas com tampas de cabeça de bichos do cerrado e eu modeleei moringas com tampa de copo, potes e cuias grandes e pequenas para ficarem no centro do círculo como se fosse fonte para os bichos beberem água. Antes de embalar as peças para enviar para Belo Horizonte, fizemos um círculo de peças com as mesmas medidas do espaço da exposição, para ter certeza que as peças produzidas seriam suficientes.



Figura 30: Peças de cerâmica montadas em círculo no chão do território Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.

Como nosso trabalho com a cerâmica retrata essa nossa relação com os animais, com a terra, com a água e o nosso respeito e cuidado com a natureza, propusemos a ela que a exposição apresentasse essa relação.

Alguns anos atrás a professora Ana Gomes e Nei Leite Xakriabá, dialogaram sobre essa relação do seu trabalho com esses elementos. Em 2023 Nei Leite Xakriabá recebeu um convite para realizar uma exposição e sugeriu esse tema, porém não houve muita escuta do curador e não foi possível executar essa ideia. Como Juliana Gontijo ouviu nossas propostas foi possível que essa exposição retratasse tudo isso.

A gente já tinha o desejo de fazer uma exposição com esse tema, devido o sentido que a nossa cerâmica tem com os animais, a terra e a água. A Juliana aceitou minha proposta de que a exposição tivesse esse tema, e isso contribuiu para a montagem das peças e que eu tinha o desejo que a exposição retratasse um pouco disso. O tema contribuiu para pensar de como seria a montagem das peças. As moringas com tampas de animais foram montadas em círculo e no centro do círculo colocamos uma vasilha grande com água no centro e as esculturas de animais no entorno, no terceiro círculo foram organizados potes antigos e contemporâneos todos com água. As peças foram colocadas sobre punhado de terra.” (Xakriabá, N., 2024)

Juliana escreveu o texto para a exposição e sugeriu o título “A água e mãe da terra”. “Eu não sou uma curadora de formação, mas como artista e pesquisadora me propus a escrever um texto revelando os aspectos que me chamaram mais a atenção em todo o processo de

construção da exposição. E assim foi feito, desse texto surgiu o título da exposição.”
(Juliana Gontijo, 2024).

Dona Isabel conta que aprendeu a prática do toá ajudando os pais dela a construir a própria casa; na época usava somente os materiais que era coletado no território Xakriabá e as crianças participavam fazendo as pinturas para decorar a casa. Ela é a mais velha das três mestras que foram para Belo Horizonte fazer as pinturas na exposição.

Desde que eu entendi por gente eu já morava nessas casas assim, e os trabalhos que a gente fazia era na casa da gente mesmo e foi aprendendo com os pais fazer e passar o barro e fazer os desenhos e a gente foi crescendo nesse trabalho porque a casa que a gente tinha a gente mesmo arrumava e a gente aprendeu fazer assim dessa forma. (Dona Isabel, entrevista em 2024)



Figura 31: Dona Isabel pintando os desenhos. Foto: Nei Leite Xakriabá.

Marina, filha da Lourdes, disse que aprendeu acompanhando a sua mãe nas atividades com o toá, na coleta dos pigmentos e nas pinturas na casa, porque todos os anos a mãe dela

costumava fazer manutenção na casa e refazia os desenhos na casinha que ela tinha que era construída de pau a pique. As pinturas internas duram mais tempo e as externas duram menos por conta da chuva, por esse motivo, para que as pinturas fiquem sempre bonitas, tem que renovar.

Eu aprendi mexer com o barro desde pequena com minha mãe, pois todo ano ela sempre renovava a casinha dela. Aí ela ia na fonte buscar o toá nois filhos ia com ela, aí lá ela ensinava tudo como tirava e mostrava as cores. Quando renovava a casinha ela ensinava nois a pintar, primeiro ela ensinava nois riscar e depois ensinava nois passar o toa, quando nois errava ela desmanchava com o barro branco. Quando nois não sabia riscar e nem desenhar ela riscava pra gente e a gente só passava o toá por cima e agente pintava junto com ela. (Marina, entrevista em 2024).

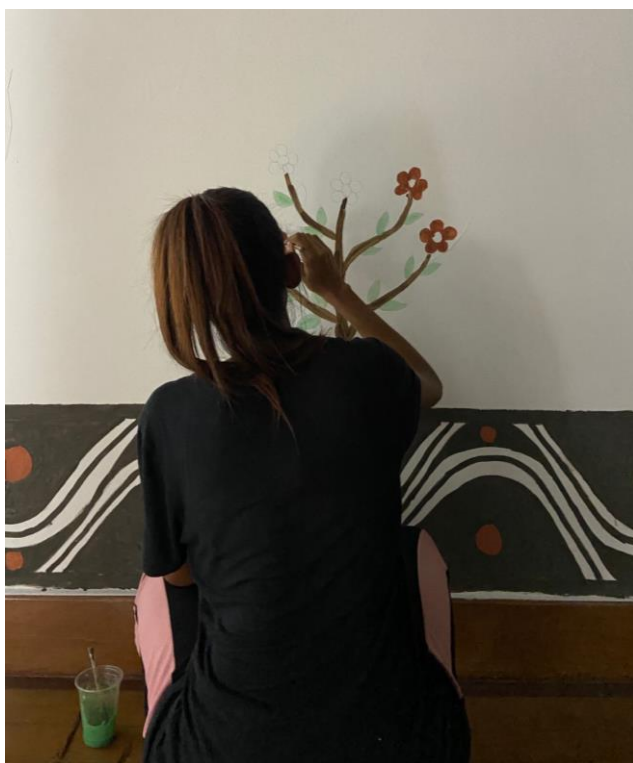


Figura 32: Marina fazendo a pintura dos galhos com flores. Foto: Nei Leite Xakriabá.

Valdineia falou que aprendeu observando e ajudando sua mãe e também com Lourdes, que sempre estava realizando a prática de utilizar o toá dentro da aldeia.

A minha mãe fazia casa de barro aí quando ela passava o barro branco a gente vinha pintando com os toá colorido e a gente gostava. Fui aprendendo mais com minha cunhada Lourdes porque ela mexia bastante com o toá e

sempre que a gente podia tava junto praticando. (Valdineia, entrevista em 2024)



Figura 33: Valdineia contornando os desenhos já riscado. Foto: Nei Leite Xakriabá.

Eu, Nei e as três mestras fomos para Belo Horizonte alguns dias antes da abertura da exposição, para preparar o espaço com as pinturas e montagem das peças. Antes de iniciar os trabalhos tivemos uma conversa com a curadoria e alguns parceiros que estavam presentes na sala do Museu que fizemos a exposição. Como a gente não conhecia o espaço, esse encontro foi fundamental para pensar de como seria distribuídos os desenhos nas paredes e decidir juntos alguns detalhes finais sobre a montagem das peças.

No nosso território as casas que têm pinturas com o toá são mais as construções feitas com pau a pique ou de adobe, e casas que passaram terra branca, dessa forma o toá fixa bem. Como o Museu é de alvenaria, surgiu a dúvida se realmente a tinta iria segurar, por isso resolvemos fazer um teste na parede da casa da Juliana Gontijo, que é construída da mesma maneira, para ter certeza de que ia dar certo a pintura. O resultado foi positivo.

Para fazer as pinturas nas paredes da sala onde aconteceu a exposição, as mestras levaram do Território diversas cores do pigmento de rochas minerais conhecido como toá, que foram coletados nos barrancos e dentro dos córregos das aldeias. São os mesmos materiais que nossos ancestrais usaram para realizar suas artes em vários paredões do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu entre 500 e 9.000 anos atrás. Esses mesmos pigmentos usamos para decorar nossas peças de cerâmicas e as paredes das construções de adobe e pau a pique. Os empregados na cerâmica sofrem pequenas alteração de cor após a queima; por exemplo, o amarelo fica vermelho.



Figura 34: Toá antes do preparo. Foto: Nei Leite Xakriabá.

O toá de cor verde é mais raro de encontrar. Na decoração das paredes das casas, para obter um verde mais forte, faz-se uma mistura do toá com o sumo de folhas verde escuro. Depois de moer o toá, mistura-se com o sumo da folha, põe-se para secar por algum tempo e coloca-se em um recipiente. Quando for utilizar, dissolve-se com água e aplica-se na parede. Essa mistura do toá com a folha é utilizada somente quando se trata de pintura em parede. Já nas peças de cerâmica não serve, porque sendo a folha matéria orgânica é consumida pelo fogo durante a queima das peças.



Figura 35: Toá verde. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 36: Pinturas com o preparo do toá verde. Foto: Ivanir Xakriabá.

As mestras levaram o material já preparado para usar. O toá é triturado no pilão, peneirado e colocado em saquinhos individuais e só quando vai aplicá-lo na parede é colocado uma quantidade suficiente em um recipiente e acrescentada a água. Sempre se reserva um pouco de toá na casa porque de vez em quando moradores da aldeia ou alunos o procuram com interesse de aprender ou registrar essa prática. Inclusive dona Lurdes também tinha esse costume de coletar o toá e guardar para quando fosse necessário. Sua filha Marina levou para essa exposição um pouco do toá coletado pela sua mãe, alguns meses antes de sua partida. “Fizemos as pinturas da exposição com os toá que a minha mãe já tinha preparado em casa porque ela, quando ia pegar, pegava bastante pra deixar para os outros anos, deixou tudo preparado já pra usar.” (Marina, entrevista em 2024).



Figura 37: Toá depois de triturado e peneirado. Foto: Nei Leite Xakriabá.

Iniciamos os trabalhos fazendo as pinturas e após montamos as peças. Durante os dias de atividades tivemos ajuda de pessoas que passaram por lá durante os preparativos. Fizemos nas paredes os desenhos representando figuras de animais, árvores do cerrado, flores e também grafismos da nossa pintura corporal masculina e feminina, mostrando um pouco sobre nossa cultura e os elementos da natureza. Também fizemos o desenho da imagem da saudosa Lourdes Xakriabá, pois a ideia de fazer as pinturas foi para homenageá-la, ela sempre manteve costumes tradicionais do nosso povo, inclusive fazia construção de casas do jeito antigo e decorava com os pigmentos naturais. “Alguns desenhos que eu fiz foi inspirado na minha mãe, desenhamos muitos galhos com flores que ela gostava de desenhar.” (Marina, entrevista em 2024).



Figura 38: Imagem da Lourdes no mural da sala. Foto: Ivanir Xakriabá.

Apesar que as mestras ainda estavam processando o luto, teve muitos momentos de descontração durante os trabalhos, elas se sentiam felizes por fazer um dos trabalhos que a saudosa Lourdes Xakriabá gostava de fazer. Todas elas concentradas nos seus deveres, era possível notar a emoção em cada uma respirando profundo, pintando os desenhos vagarosamente.

Achei que foi muito importante essa homenagem para minha mãe e foi por ela que fomos lá. Ela mereceu muito pois ela ajudou bastante com o conhecimento que ela tinha sobre o toa. Fiquei muito feliz de ter participado dessa homenagem pra ela. É muito importante levar essa prática do toa para esses espaços porque é um modo de não deixar a nossa cultura acabar, porque a prática do toá é muito antiga e muitas pessoas já não praticam. Então sair assim pra outros espaços e divulgar isso é muito importante. Estamos revitalizando algo que as pessoas estão deixando de praticar. (Marina, entrevista em 2024).

Na montagem, como disse anteriormente, as peças foram organizadas em círculos e as cuias e potes ficaram com água representando essa relação da terra com os bichos. Como as peças de cerâmica suam, resolvemos colocar areia embaixo de cada peça que estava com água, para sugar a umidade e não estragar piso da sala. Um desses potes pegamos emprestado de uma anciã da aldeia Sumaré, e é um pote muito antigo. Ela não lembra exatamente quanto tempo que existe esse pote, apenas relatou que o adquiriu na época que ainda existiam pessoas que ainda faziam peças no território Xakriabá.



Figura 39: As peças expostas na exposição “A água é mãe da terra.” Foto: Ivanir Xakriabá.

A abertura da exposição aconteceu no dia 02 de setembro de 2023. Foi um sucesso de público. Muitos admiradores da nossa arte compareceram para prestigiar nossos trabalhos e alguns estudantes do nosso povo, que na época estavam em Belo Horizonte no curso do FIEL, e estudantes das vagas suplementares foram fazer parte desse momento.

Iniciamos com cantos Xakriabá e após houve falas de algumas pessoas presentes. Muitas pessoas se emocionaram e tiraram fotos ao lado do desenho que representava a figura da saudosa Lourdes. A exposição estava prevista durar um mês e foi estendida para mais um mês.



Figura 40: Abertura da exposição. Foto: Tales Bedeschi

No período que eu estava finalizando esta escrita aconteceu a exposição permanente no Museu Regional do Norte de Minas em Montes Claros. participaram os artistas que são associados na Associação dos Artesãos Xakriabá, foram enviados vários tipos de objetos artísticos envolvendo uma diversidade de matéria prima: madeira, osso, miçanga, sementes, fibras, pena, barro e tecido. Também houve a participação das mestras Dona Isabel, Marina, Valdineia, eu e Xavier que fizeram as pinturas com o toá nas paredes da sala que estão expostas nossas artes. A abertura dessa exposição foi no dia 06 de setembro de 2024.



Figura 41:Desenhos feitos na parede do museu com tinta de toá . Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 42: Vasos de cerâmica Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 43: Cuias, pratos e travessas de cerâmica Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 44: Máscaras de cerâmica Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 45: Maraca e cachimbo de madeira. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 46: Tecidos e colares de osso, madeira e miçangas Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 47: Moringas de cerâmica Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 48: Escultura de animais do cerrado em cerâmica Xakriabá. Foto: Nei Leite Xakriabá



Figura 49: Escultura de peixe e cuia de madeira. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 50: Escultura de pássaros do cerrado em madeira. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 51: Escultura de animais do cerrado em madeira. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 52: Peneira, bolsa e balaio de fibras. Foto: Nei Leite Xakriabá.



Figura 53: Brincos e xuxenas de pena. Foto: Nei Leite Xakriabá.

CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é muito importante para o meu povo Xakriabá, porque ele registra um pouco da nossa peleja em busca da garantia dos direitos pela terra e pela própria existência como povo indígena.

Relata um pouco sobre meu envolvimento com a prática da cerâmica e a trilha percorrida para que houvesse a retomada da cerâmica que estava enfraquecida. A partir da educação escolar indígena diferenciada, algumas ações de pesquisadores do nosso povo em parceria com as universidades e principalmente com os nossos anciões fez com que despertasse nas pessoas o interesse pelo fazer cerâmico, contribuindo assim para que ela voltasse a ocupar as casas de algumas pessoas no Território. As nossas participações em feiras e exposições têm sido muito relevantes, pois têm levado conhecimentos sobre nosso povo.

Essa pesquisa está contribuindo para ampliar meu conhecimento com a prática da cerâmica, aprendizados esses que as pessoas com quem conversei têm compartilhado seus conhecimentos que estão sendo úteis para o meu trabalho. O registro dessas informações coletadas sobre esses saberes vai ser muito importante para outras pessoas poderem acessar, seja pessoas do território ou pesquisadores indígenas e não indígenas. Além disso, poderá ser usado como material pedagógico para estudantes e professores.

Referências bibliográficas

- Bedeschi, Tales. Artes indígenas e a escola não indígena: a retomada da cultura entre os Pataxó e os Xakriabá. Tese (doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- Faria, Tales Bedeschi; Xakriabá, Nei Leite (Silva, Vanginei Leite). 2020. “Artes do povo Xakriabá e a escola monoepistêmica: desafios metodológicos”. **Revista GEARTE**, 7(3): 553-580.
- Miranda, Zandra Coelho de; Figueiredo, Francisco José; Xakriabá, Nei Leite; Xakriabá, Dalzira. “**O resgate da cerâmica tradicional Xakriabá**”. Comunicação apresentada no 54º Congresso Brasileiro de Cerâmica. Foz do Iguaçu (PR), Junho de 2010. Disponível em https://abceram.org.br/wp-content/uploads/area_associado/54/14-003.pdf Acesso em 20/06/2021.
- Pimenta, Lucima Souza Lopes. **A Arte do barro: Cerâmica e ceramistas xakriabá. 2013.** Percurso acadêmico apresentado ao curso de Licenciatura_ Formação Intercultural Indígena. FIEI /FAE /UFMG, Belo Horizonte Brasil.
- Pimentel, Lucia Gouvêa; Faria, Tales Bedeschi; Xakriabá, Nei Leite (SILVA, Vanginei Leite). **O sonho do machado: cerâmica tradicional dos Xakriabá e a galeria de arte. MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 01- 39, mai.2024. DOI: 10.20396/modos.v8i2.8675006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8675006>.
- Predi Xakriabá, Daniele. 2018. **Arte e artesanato Xakriabá e os meios de comercialização**. Monografia de Curso de Formação de Professores Indígenas, UFG, Goiânia, Brasil.
- Proust, André. Rodet, Maria Jaqueline. **Arquivos do Museu de Histórias Natural e Jardim Botânico UFMG**. Belo Horizonte, vol. 9, 2009.
- Silva, Cássio Alexandre, Souza, Fabiano José Alves, Velden, Felipe Vander Silva, Vanginei Leite, 2022. Artigo. A retomada da cerâmica Xakriabá: Entre a produção e circulação de peças, saberes e parentescos. **Revista Maloca**. 2022.
- Silva, Manoel Antônio de Oliveira. 2018. **A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”: a história da língua Akwen do Povo Xakriabá**. Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Licenciatura - Formação Intercultural para Educadores Indígenas, FIEI/FAE/UFMG, Belo Horizonte, Brasil.
- Silva, Edneia Moreira; Mota, Janaine Nunes d. 2019. **Artesanatos Xakriabá, sustentabilidade, conhecimentos e desafios**. Percurso acadêmico apresentado ao curso de Licenciatura_ Formação Intercultural Indígena. FIEI /FAE /UFMG, Belo Horizonte Brasil.

Xakriabá, Nei Leite (Silva, Vanginei Leite). 2017. **Manual de Cerâmica Xakriabá**. Belo Horizonte: Fino Traço.

Xakriabá, Nei Leite. **Ensinar sem ensinar**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n.15. (conteúdo exclusivo online), dezembro. 2021.

Xakriabá, Nei Leite (Silva, Vanginei Leite). **Arte Indígena Xakriabá: com um pé na aldeia e outro no mundo**. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do programa de Pós - Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

Xakriabá, Nei Leite (Silva, Vanginei Leite). 2024. Arte Indígena Xakriabá: entre-onças, peixes, Joãos-de-barro e outros-que-humanos. **Argumentos**, vol. 21, n.1, jan/ jun.2024 Departamento de Ciências Sociais, Unimontes.